

NARRATIVA Nº 02 – ASC¹

Nome completo: Ana Santana Cordeiro.

Filiação: Alvino Antonio de Santana e Francisca de Almeida Santana.

Naturalidade: Fazenda Lameiro Remoaldo, município de Conceição do Coité.

Data de nascimento: 01 de janeiro de 1936.

Idade: 79 anos.

Estado civil: viúva.

Escolaridade: 4ª série do primário.

Principais atividades: dona de casa.

Lugares onde viveu: Viveu até os 19 anos de idade na faz. Lameiro Remoaldo, no povoado Goiabeira, no município de Conceição do Coité-Ba; passou quatro meses na zona rural de Nova Fátima-Ba; depois três meses na sede do município de Conceição do Coité, até ir morar na faz. Cabana, no município de Ichu-BA. Depois, mudou-se para a zona urbana de Ichu, onde mora no momento da entrevista.

Perfil: calma, descontraída.

Gravação da narrativa: : 21 de fevereiro de 2015, às 14h30, em Ichu.

[...] Doc.: Sim, aí a senhora lembra o que de... dos ensinamentos dos pais da senhora?

Inf.: Sim, meu pai ensinava a gente assim, se errasse eles agia, trabalhar só era trabalho de roça que a gente fazia, num tinha outro trabai... caminhei de uns, assim de uns oito ano em diante pra pra escola... até quando eu... fui até quarto ano... daí por lá... também parei por aí... foi trabalhano de roça mehmo.

Doc.: E a escola da senhora era onde?

Inf.: Ah, minha fia, era longe... era como daqui na Barra... a gente ia de pé, os camim den'numas Catinga, passava duas turma de animal carregado, de manhã e de tarde, e a gente ia tudo com as percatinha na mão e a lama atolano [inint] quando chegava na... era Deus que na chegada da escola tinha um tanque... aí agora a gente lavava os pé pra cabar de chegar. Aí a gente gostava, que ia dezoito numa turma.

Doc.: E como era o nome do lugar onde a escola ficava?

Inf.: Fazenda Mucambo.

Doc.: Hum...

Inf.: Mucambo.

Doc.: É município de Coité?

¹ A identificação de cada narrador é realizada com a mesma sigla usada para se referir aos redatores das cartas. A maior parte da transcrição foi realizada por Rosana Brito, mestranda em Estudos Linguísticos, pela UEFS/BA. Foram transcritos os trechos narrados que tratam, principalmente, das práticas de escrita e leitura, dos contextos de letramento dos sertanejos (para as narrativas completas, cf. gravações).

Inf.: É... é entre... é quem vai de Coité pra Salgadália, aí cando chega assim numas duas légua ou mais... de Coité, droba aqui pra... aonde é o Mucambo, ali da fazenda, a gente dobra agora vai pra Goabeira e segue pra Salgada.

Doc.: A senhora lembra o nome da escola?

Inf.: Ó o nome da escola... era... era... Regina... era Regina... agora num me lembro o sobrenome dela direito, só me lembro de de Regina Matos, agora o outro sobrenome eu não lembro não... sabe? Que era a o nome da escola, era o mesmo nome que era o nome dela que era... aqueles pessoal quando, antigamente, quando vinha uma professora aquele nome que a prof... que a professora viesse, aquele nome ficava dano a gente nos caderno, mas [inint] demorou uns dez ano, eu também já tinha saído de lá.

Doc.: Então a professora não era de lá, ela veio pra...

Inf.: Era de Salvadô mas ela... o pai dela morava em Coité, aí ela vei pra ensinar a gente...aí no Coité, depois deu um desacerto brabo aí com ela e com o marido e tudo, aí desapareceram no mundo, nunca mai eu tive notícia dela e... e... depois dessa a gente ficô... ah... ah... estudano na Goabera mehmo que meu... meu padrinho fez uma casa grande pra escola e arrumou uma professora e aí [inint]... e até até Jade mehmo inda estudou nesse... nesse colejo.

Doc.: E a senhora lembra quando que a senhora aprendeu a escrever?

Inf.: Minha fia... ah leitura de hoje é diferente do tempo da gente, do tempo da gente a gente tinha que aprender primero fazer, lê a carta de abc, toda, e também escrever, aprender fazer todas ah letra do abc... até o final [inint] da carta de abc toda também, pra depois agora a gente passava pra cartilha, aí a gente aprendeu mais... o de hoje eu não sei ensinar ninguém não... porque ô... que leitura hoje é diferente, vixe nossa senhora.

Doc.: E os pais da senhora sabiam ler e escrever?

Inf.: Não minha fia, não... é mais difícil pra ler porque num tinha quem ensinasse um nome a gente, que a gente não acertasse, a gente tinha que fazer a marquinha pra levar amanhã pra professora ensinar a gente muitas veze, pra gente aprender [inint].

Doc.: Mas na casa da senhora tinha... na casa dos seus pais tinha livros, tinha materiais de leitura?

Inf.: Não minha fia, só tinha o da gente quando a gente começou a estudar... nem pai nem mãe neum estudaro... neum sabia ler... agora quando a gente pegou a... a fazer o nome da gente, o nome de pai, de mãe, dos irmão de dento de casa todo né... aí tinha dia que a gente pegava fazia, pai chorava mais mãe... porque diz que a gente já tava sabeno o que eles num sabia né... porque naquele tempo era tudo assim atrasado.

Doc.: Mas eles gostavam de contar história? A senhora lembra?

Inf.: Ah eles contava aquelas histo- ... agora não contava pa gente não... que naquele tempo os pai num... num contava histora prus filho não, eles contava prus colega, tempo assim de... de descasca de milho... de... de ranca de mandioca, que rancava um mês dois de mandioca... aí juntava muita gente labutano, final de semana vino pá fazer beju, a famia [inint] das mãe vinha ajudar com ar mandioca e no... e no dia dos beju vinha pai vinha com tudo, passava a noite, perdia a noite aí contano histora, mas a gente não ia perto não, eles não deixava não, quando a gente ia ficava assim um poquium “que que tá fazeno aí? Que qui tá... quem chamô aí?” a gente não podia escutar nem uma nem uma histora que contava (rindo)... não contava não, agora finado Mirão contava a gente... eu me alembro, antes d’eu casar ele contava tanta histora a gente, só era pra gente dá risada com ele. [...]

Doc.: E hoje em dia, a senhora gosta de ler? Ainda lê alguma coisa?

Inf.: Tem dia que’u lêo mas tem... mas sô mei preguiçosa... pra ler, mas eu leio.

Doc.: O que assim, o que que a senhora pega pra ler?

Inf.: Assim... eu leio um...como bem... o livrinho qui ritira o folheto da... que vem da igreja, tem dia assim que eu leio a historinha ni um livro... sempre assim bestano né... ma é poco... eu não gosto de lê muito muito não... dizer assim eu vô me canfifar por isso não, mas leio mas num precisa muito [inint].

Doc.: Já a educação dos seus filhos como é que foi? [inint]

Inf.: Graças a deus foi bem porque... quer dizer, os mais novo... os mais velho [] [inint] só fazia o que [inint] queria, os minino trabalhava ni corte de sisal mais o pai pra sustentar a casa... eles num deixava que Neso deixasse os menino estudar... bem Jurandi, Joanhina [inint], aprendero não... aí depois que eles já tavam graúdo, que apareceu aquela escola do nobral...

Doc.: Sim...

Inf.: Mariquita foi... ensinar essa escola... aí foi que eles pegaro ir toda noite, aprendero a fazer o nome deles... má assim mesmo Joanhina é um nervoso tão medonho, se a gente disser assim “Joanhina fai aqui teu nome” e for prestano atenção... e ficar olhano ele escrever, num sai nada... é só é garrancho.

Doc.: Dona Ana, e dona Ana Helena?

Inf.: Agora He... Helena... Helena foi boa pa estudar [] [inint] agora chegô a escola da Mumbuca [inint] trabalhava na roça e vinha pra escola de tarde [inint] Helena num chegou a si formar porque no tempo dela se formar ela casou... agora Eliana se formou... Eliana... Dai... Tuca... An... An... não, foi Eliana, Dai, Antonho, Tuca, esse se formaro.

Doc.: Ana Helena estudou no Mobrai também, não foi?

Inf.: Começou.

Doc.: Começou no Mobral?

Inf.: Começou no Mobral.

Doc.: Lá na Mumbuca mesmo?

Inf.: Na casa de Mariquita... Aí quando passo... quando eles passaro pra estudar na Mumbuca, já num foi mais nobral já foi a escola de... de estado... agora só num mi lembro... era Aristela... a professora... era Aristela foi na Mumbuca... ela... ela ia ensinar na Mumbuca... a gente já ria, com Aristela... ela saía da casa dela, ia pra Mumbuca ensinar, trazia uma uma... uma sacolinha com a a marmitinha dela, vinha pra qui, comia, ia pro colejo, quando era amanhã de manhã, ela tornava ir por lá, tornava votar por aqui, era assim...

Doc.: Olha pra isso!

Inf.: Foi... e aí, tudo de pé... tudo de pé... ô mia fia... aquela ladeira que tinha ali... ah ladeira... e assim mehmo... ninguém nunca perdia... mas hoje... quando eu digo aos menino que hoje tudo é fácil [inint] ruim já passou.

Doc.: E as cartas? A senhora escrevia... escreveu algumas cartas, não foi, na época...?

Inf.: O que existia foi os que Jade pegou os papel veio tudo, que ali só presta pra juntar coisa vea... todo dia eu digo a ele.

Doc.: É isso, mas a senhora gostava de escrever carta, né?

Inf.: Eu sempre escrevia, escrevia pra... [inint] a família da gente pela parte de pai é grande e mora em Calda de Cipó... e tinha um tio da gente que vinha quase toda semana, em quinze em quinze, em mês em mês... os primo também vinha... de pai... aí a gente... a gente conhecia as filha deles de vez em quando a gente dava um pulinho lá... de Jegue... dois dia três, pra chegar lá e aí... a gente tomou conhecimento e escrevia umas pra sosota, pelos pai mehmo quando ia e quando vinha... é essa... mas tirando isso...

Doc.: E os cadernos e os livros de quando a senhora estudou, a senhora tem algum ainda?

Inf.: Ô eu não tenho não... tenho não, porque os menino foram bulino, bulino, até que acabou... eu tinha um resto do quarto livro... que era era compreto, mas Neso botou uns abc daqueles abc de poesia de-... numa caxinha assim de papelão, botou meu livro junto, quando deu fé o rato tinha (bombado)... ruiu um bucado de página do meu...do meu livro.

Doc.: Seu Neso era seu esposo...

Inf.: É... Neso li... lia meno de que eu... Neso era igual a Jurandi mais Joninha, só sabia fazer o nome a pulso [inint] [...]